



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1139

HISTÓRIA E MEDO: O PLANETA DOS MACACOS (1968)

Carlos Alberto Plath Junior (LERR/DHI/UEM)
Vanda F. Serafim (PPH/UEM)

Resumo

A comunicação objetiva apresentar o Projeto de Iniciação Científica “O medo enquanto objeto da História: um estudo a partir de *O Planeta dos Macacos* (1968)”. A proposta do mesmo consiste em realizar uma discussão teórica sobre o medo enquanto objeto da História e mapear as representações do medo presentes na narrativa fílmica *O Planeta dos Macacos* (1968). Com o contexto fílmico situado no futuro, no ano de 3978, permite refletir sobre dois aspectos que tem se tornado temas de interesse da História: cinema e ficção científica. Entendidas, pela História Cultural como formas de “representações coletivas”, constituem-se como objeto de estudo, na medida em que permitem identificar o modo como diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler. (CHARTIER, 1990). Nesse sentido, podemos indagar qual realidade a trama cinematográfica pretende construir, mais do que isto, ao trabalhar com ideia de futuro e fim do mundo, qual “paisagem do medo” (TUAN, 2005) é projeto no momento de produção do filme, sobre as formas de destruição e extermínio da raça humana. Articulados desta maneira, Cinema e Ficção Científica tornam-se fontes históricas que nos permitem mapear as “representações” do medo e torna-lo objeto da História.

Palavras Chave: História das crenças; Medo; Extermínio da Raça Humana.

Financiado pela Fundação Araucária.

Taylor e Nova cavalgam pela praia e encontram os destroços da estátua da liberdade, ele descobre que avançou no tempo e está na Terra. Descendo do cavalo, cai no chão desesperado e diz: “Então nós finalmente o fizemos, os maníacos, vocês explodiram tudo”... Finalizando, ele amaldiçoa a humanidade e somente com o som

das ondas e do mar começam os créditos¹.

¹ PLANET OF THE APES (Planeta dos Macacos). Direção de Franklin J. Schaffner. EUA. Produzido por Arthur P. Jacobs; Mort Abrahams; 20th Century Fox; APJAC productions. 1968. 112 min. Momento da cena descrita: 108 min. E 12 segundos até 111 min. E 15 segundos.

Situada no futuro, no ano de 3978, a sequência acima relata dois aspectos que tem se tornado temas de interesse da História: cinema e ficção científica. Entendidas, pela História Cultural como formas de “representações coletivas”, constituem-se como objeto de estudo, na medida em que permitem identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler. (CHARTIER, 1990).

Nesse sentido, podemos indagar qual realidade a trama cinematográfica pretende construir, mas do que isto, ao trabalhar com ideia de futuro e fim do mundo, qual “paisagem do medo” (TUAN, 2005) é projeto no momento de produção do filme, sobre as formas de destruição e extermínio da raça humana.

Articulados desta maneira, Cinema e Ficção Científica tornam-se fontes históricas que nos permitem mapear as “representações” do medo e torná-lo objeto da História. A opção pelo conceito de representação é porque este nos permite articular três modalidades de relação com o mundo social: Primeiro, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; ou seja considerando que a narrativa fílmica em questão caminha para a extinção da raça humana, ao menos enquanto raça dominante, é possível verificar os possíveis caminhos que teriam levado à isso, atentando não apenas ao medo enquanto “Representação”, mas também enquanto prática coletiva da sociedade que produz a obra analisada.

Segundo, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição (CHARTIER, 1990, 2002). Nesse ponto, cabe questionar quais identidades nacionais, culturais, científicas, religiosas e humanas são construídas na obra que se analisa e com qual intuito.

E por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns representantes (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, por meio através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente à uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das

imagens) que dão a ver e a pensar o real (CHARTIER, 1990, 2002). Ou seja, de que maneira a produção futurística de 1968 carrega em si indicativos do seu contexto socio-cultural que implicam na percepção dos possíveis rumos da trajetória humana.

Ao se apropriar da realidade para representá-la, o Cinema torna-se uma importante fonte histórica por nos possibilitar uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Conceder deste modo atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção do sentido é reconhecer que as inteligências não são desencarnadas, e que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas (CHARTIER, 1990, 2002).

As representações e apropriações certamente não são isentas da “visão de mundo” dos sujeitos históricos que as produzem, ou seja, do “conjunto de aspirações de sentimento e de ideias que reúnem os membros de um mesmo grupo (de uma classe social, na maioria das vezes) e os opõem aos outros grupos” (CHARTIER, 1990, 2002). Assim sendo, a sequência que narramos no início permite perceber o medo presente em seu contexto de produção, ou seja, o extermínio e a destruição da raça humana e do planeta. Uma cena cheia de angústia, despertando o sentimento de desespero, um reflexo do que a população Norte Americana estava sentindo.

Filme fantástico e revelador, dirigido por Franklin J. Schaffner (1920-1989), que nasceu no Japão, porém cresceu nos EUA e estudou Direito na Universidade de Columbia, em Nova York, interrompendo seus estudos para servir na Segunda Guerra Mundial na companhia Anfíbia da Marinha Norte Americana. Após a Guerra trabalhou num grupo pacifista e escreveu muitos artigos, o que lhe rendeu o emprego na CBS como diretor. Uma vez nesse meio, dirigiu obras grandiosas e passou para o universo do cinema, onde recebeu um Oscar de melhor diretor com o filme “Patton” de 1970.

Produzido num contexto de pós-guerra, num período conhecido como Guerra Fria. Momento de ameaças e testes nucleares. O filme Planeta dos Macacos (1968) trás em sua história vestígios do sentimento do medo em relação ao extermínio da raça humana e destruição do planeta. Algo tão presente no imaginário popular que segundo Charles Domingos (2010) acarretam transformações sociais marcantes, entre elas a contracultura. Sendo assim, partimos de autores como Charles Domingos (2010) e Miguel Á. Huerta Floriano (2009) para compreender o contexto

de pós-guerra. E compreenderemos este universo nas perspectivas do medo onde Jean Delumeau (2009) e Yi-Fu Tuan (2005) explicitam este conceito. E para o viés metodológico usaremos autores que escrevem sobre História e Cinema, seriam eles (ABDALA JUNIOR, 2006) e (BARROS, 2006). Partindo da categoria de História Cultural construiremos o discurso voltado para a forma que as pessoas se apropriam da cultura e a representam (CHARTIER, 2002). E de como a mentalidade social não sofre mudanças entre as diferentes hierarquias sociais, como expõe (VAINFAS, 1997).

Nestas perspectivas tentaremos expor o medo da extinção da espécie conforme o contexto, representado no cinema.

As civilizações estão comprometidas num diálogo constante com o medo, isso não quer dizer que ela seja um produto de uma luta com este sentimento. Sendo algo natural e uma forma de defesa, fazendo com que o indivíduo se prepare para o perigo eminente. As pessoas fazem de tudo para não sofrerem, temem a morte, pois é algo inevitável, e tentam achar maneiras de amenizar isso (DELUMEAU, 1978).

Existem inúmeras formas de medo, que ao longo da história apresentaram-se mais presente devido seu contexto. Quase como se houvesse uma ordem cíclica, existem medos que vem e vão, doenças, guerras, frio, enfim, a crise ou a dificuldade em que determinada sociedade se encontra reflete neste sentimento. E sempre haverá os pavores permanentes, como o dos fantasmas e do mar, que apesar das mudanças sociais, políticas e estruturais, permanecem intactos (DELUMEAU, 1978).

O medo é tanto individual como coletivo, mas é esta segunda opção que apresenta uma maior repercussão, afinal um elemento não consegue fazer o estrago que um grupo de pessoas apavoradas faz. Uma multidão tomada pelo pânico libera sua agressividade, que é o resultado das emoções e dos choques pessoais. Mas esses medos coletivos são formados pela fobia que cada sujeito possui. Temos que analisar, individualizar os temores particulares, que se somam para criar um clima de medo (DELUMEAU, 1978).

Os medos são experimentados por indivíduos, portanto são um tanto quanto subjetivos. Esse sentimento sofre mudanças de pessoa para pessoa, e de idade para idade. Está presente em todas as épocas de nossas vidas, apenas variando seu tema conforme o momento em que o ser se encontra (TUAN, 1979).

O pânico possui uma importância muito grande, uma influência que transforma histórias. Basta ler livros medievais ou da antiguidade, que relatam sobre heróis que travavam lutas constantes com o medo, para perceber isto em

outras épocas. E através das produções artísticas conseguimos presenciar um plano de fundo verdadeiro onde é possível ver reflexos da realidade (DELUMEAU, 1978).

Sendo algo tão representativo, e expondo os perigos em que se encontra determinado grupo, o medo nos revela questões simples como a vivência social e até aspectos das vidas das pessoas. A angústia e a ansiedade, que se encontra em textos antigos ou representações cinematográficas da modernidade, revelam muito mais do que o fato em si. Mas também a busca por essa emoção. O homem se satisfaz observando o temor, o pavor do lado de fora desta perspectiva, sente prazer em ler, ouvir e assistir acontecimentos onde o foco é o medo. Só não quer participar. E a criatividade humana somada a novos acontecimentos e a novas descobertas, criam categorias que são inovadoras neste contexto de produção de fobias (DELUMEAU, 1978).

Entendidos como essas novas categorias produtivas de fobias, os filmes de ficção tem despertado um maior interesse nas pessoas se comparados a outras categorias. Na década de 60 do século XX os filmes deste gênero estavam permeados pelo medo, especialmente devido o eco do pânico atômico (HUERTA FLORIANO, 2009).

Após a Segunda Guerra Mundial iniciou-se um período cheio de ameaças, onde duas nações tentavam provar sua supremacia e seu poder, através de inovações tecnológicas e da expansão bélica. Instalavam bases nucleares em territórios aliados próximos do inimigo, tornando presente a ideia de um possível ataque nuclear, esta que gerava um medo horrendo, pois as pessoas conheciam a história de Hiroshima e Nagasaki. Questões como as que ocorreram na Coreia, onde o ódio tido pelos coreanos sobre os Estados Unidos da América fazia com que aumentasse o medo do povo norte americano em relação de uma ameaça atômica. E a gota d'água se deu com a crise dos mísseis em Cuba, de 1962, o pânico foi geral. A ideia do fim da espécie apresentava-se quase que concreta (DOMINGOS,2010).

“A partir da percepção que o engajamento dos EUA nessa guerra é vazio de sentido humanitário e humanístico, esse país perde aos olhos de grandes contingentes da população mundial o papel de herói. Não é mais visto como o defensor do mundo frente às forças do totalitarismo. Seu exército passa a ser visto como instrumento de dominação. Suas armas nucleares como elemento capaz de destruir a própria espécie humana”. (DOMINGOS,2010, p.119).

Um exemplo disso é o caso do teste feito pelo país Americano, com uma bomba de Hidrogênio, que ao explodir no Pacífico, sem controle algum e com uma potência tão grande que espanta o mundo de tal maneira que de herói passa a ser vilão. Assim começam os movimentos contra armamentos tão destrutivos. A angústia gerada pelas explosões e ameaças da Guerra Fria, despertou no povo estadunidense uma necessidade de paz, um espírito crítico contra as lutas armadas (DOMINGOS, 2010).

Um momento caracterizado pelas disputas e discordâncias da fé com a ciência, onde a religião cristã por muito discorda dos avanços científicos, estes que estão em pleno desenvolvimento, e em várias ocasiões são freados por ideais religiosos, que podemos encontrar inclusive em alguns governos.

Foi devido a este contexto, que produziram uma das maiores representações do medo no cinema, o filme *Planeta dos Macacos* (Franklin J. Schaffner, 1968), expressando a mentalidade de algumas nações, em especial a dos EUA em relação ao medo da extinção da espécie humana e outros (HUERTA FLORIANO, 2009). Filme futurístico que mostra um mundo pós-guerra, onde a raça dominante é a Símia, tão inteligente quanto a do *homo sapiens*, esta que é submissa. O discurso do filme vai sendo construído e indicando o motivo da destruição do planeta, que só se torna certeza, no final, quando o personagem principal percebe que estava na Terra, muito tempo depois de uma hecatombe nuclear.

“A linguagem das imagens em movimento mantém uma frutífera relação com a realidade” (HUERTA FLORIANO, 2009, p.233). Os filmes expressam as mentalidades das pessoas de determinados lugares, se não de grande parte do mundo, expõem o sentimento sobre o apocalipse que uma sociedade possui. O medo gerado após os atentados, ou ocorrências que levam a acometer este sentimento nas massas populacionais, e legitimado pela mídia e por filmes, causam grandes transformações nas estruturas sociais. (HUERTA FLORIANO, 2009). Basta olhar os movimentos contra guerras que ocorreram durante e após os anos 60, onde pregavam a frase constantemente “paz e amor”, e a instalação de tratados controlando as armas nucleares (DOMINGOS, 2010).

A raça humana se mantém de forma tranquila conforme o nível de controle que possui sobre sua realidade. Na medida em que a situação começa fugir do controle instituem-se novos medos coletivos. Essa ideia é explicada na obra de Yi-Fu Tuan (2005) “Paisagens do Medo”, no capítulo que trata do medo da natureza, em virtude da falta do controle sobre ela. Podemos partir deste pensamento para refletir

o filme. Pode-se conjecturar sobre o medo que muitos possuem de descobrir coisas que destruiriam ou questionariam seus dogmas ou concepções de verdade.

Assim expondo as “variações do medo”, que segundo Yi-Fu-Tuan circunscreve as mudanças que este sentimento possui na vida de alguém e suas inúmeras paisagens entende-se que as representações cinematográficas acompanham as transformações do medo. Essa percepção é convergente entre alguns autores, como Huerta Floriano, que em sua obra “Medo e Paranóia em el Cine Fantastico Estadunidense del siglo XXI” afirma que os filmes expressam as mentalidades das pessoas. E juntamente com textos que expõe os principais problemas encontrados pela população Norte Americana nos anos 60 do século XX , construímos uma análise que aborda este tema, as expressões do medo.

Do ponto de vista metodológico, é preciso ressaltar que - sendo a fonte documental escolhida para esta pesquisa, o filme *Planeta dos Macacos* (Franklin J. Schaffner, 1968), com 112 minutos, produzido nos EUA pelas empresas 20th Century Fox e APJAC Productions – algumas preocupações tornam-se fundamentais.

Partindo da categoria de ficção científica onde George Taylor (Charlton Heston), um astronauta americano, viaja por séculos em estado de hibernação. Ao acordar, ele e seus companheiros se veem em um planeta dominado por macacos, no qual os humanos são tratados como escravos e nem mesmo possuem o dom da fala; é salutar a observação de que “a História sempre fascinou cineastas” (ABDALA JUNIOR, 2006, p.1). Esta manifestação artística do mundo contemporâneo tem interferido na história. O cinema e as produções cinematográficas são considerados atualmente como uma fonte primordial e inesgotável para o trabalho historiográfico e para o historiador (BARROS, 2006).

O cinema é uma representação da realidade, e a história no cine constrói um discurso auto-explicativo e de convencimento. Apresenta o desenrolar, e atribui coerência aos processos históricos e ao seu contexto (ABDALA JUNIOR, 2006). Ele revela imaginários, visões de mundo, padrões de comportamento, sistemas de hábitos, interpretações sociais, enfim, inúmeras concepções de uma determinada sociedade historicamente localizada. (BARROS, 2006).

Qualquer filme pode ser usado pelo profissional da história para entender a sociedade no seu contexto de produção. Ou seja, mesmo sendo um filme com conteúdo histórico, será estudado, através dele, o momento de produção e os vestígios da realidade que ele possui nas sequências de imagens. Por isso é

necessário estudar cada categoria em sua perspectiva, comédia, drama, ficção, terror, entre outros gêneros. E a importância do autor/diretor e da equipe que produziu e criticou a obra, chegando numa melhor compreensão da realidade que ele representa (BARROS, 2006).

Porém os objetivos da história e do cinema são completamente diferentes. Sendo este último uma maneira de contar uma história, para entreter pessoas, com narrativas ficcionais, sem se preocupar com a veracidade e buscando os interesses de seus consumidores, a primeira é a forma que os historiadores compartilham com a sociedade acontecimentos e conhecimentos (memória) de uma determinada sociedade de um lugar específico (ABDALA JUNIOR, 2006).

E por mais que a obra seja uma ficção, onde aparentemente não possua nenhuma relação com a realidade, ela estará permeada de conceitos e de ideias que lembram o universo onde foi produzido (BARROS, 2006). Exemplo disso é o filme Planeta dos Macacos de 1968, que se passa numa realidade completamente diferente do possível naquele contexto. Viagem no espaço numa velocidade próxima da luz, um planeta dominado por símios onde seres humanos são como animais. Entretanto é uma composição que expõe o ideal do medo de uma guerra nuclear, afinal, depois de decorrer a história do filme, após pousar num planeta parcialmente deserto, descobre-se que eles estão na Terra milhares de anos à frente de uma guerra nuclear que dizimou os seres humanos. E ao analisar o período de produção, é possível encontrar nas sequências aspectos de um mundo pós-guerra vivenciado num contexto de ameaças, onde esta ideia é presente no imaginário popular.

Captar aquilo que não é intencional na obra é de extrema importância. Todo documento fílmico tem uma riqueza de significados que não são percebíveis imediatamente, nem nos momentos em que foram produzidos. Assim o Historiador consegue analisar nas obras cinematográficas o intencional e o involuntário, retirando um número maior de informações. (BARROS, 2006).

Estando em estágio de construção desta pesquisa, até o presente momento fizemos as leituras de vários teóricos de diferentes contextos históricos, com funções e conhecimentos distintos, para elaborar uma discussão teórica sobre o medo, que já está sendo feita, para logo em seguida escrever sobre eles mapeando-os no filme em estudo. Dentre os autores lidos para o embasamento do debate, os que se destacam são Edmund Burke e sua obra “The Works of the Right Honourable Edmund Burke” (1792); Freud em o “Inquietante” (1919); Jean Delumeau no

conceituado “História do medo no Ocidente 1300-1800 Uma Cidade Sitiada” (1923); Tzvetan Todorov em “Introdução à Literatura Fantástica” (1980) e para finalizar Yi Fu Tuan, “Paisagens do Medo” (2005).

Assim através das leituras propostas, conseguimos nos embasar metodologicamente e observar na obra fílmica o seu tempo histórico e o seu espaço. Logo mais mapearemos os medos, as formas em que eles são representados na construção fílmica, e assim nos aproximarmos da finalização da pesquisa histórica, que se mostra importante, como qualquer outra. Pois partindo dos conceitos estabelecidos por Latour na produção “ Reflexão Sobre o Culto Moderno dos Deuses Fe(i)tiches” (2002), podemos pensar o filme como fe(i)tiche, objetos instituídos de valores e significados. No caso daquelas obras de ficção, em especial a do Planeta dos Macacos (1968) onde O filme revela um planeta destruído por guerras e humanos inferiores e animalizados, dominados por símios com intelecto superior, próximo aos dos expectadores que assistem à película. Denunciador das atitudes humanas, o filme revela e projeta por meio dos macacos os equívocos cometidos pela raça humana e como estes podem levar a uma autodestruição. A obra cinematográfica pode ser, portanto, pensada como um fe(i)tiche, um objeto carregado de significados, que por um lado não passa de um objeto, e todos sabem disso, mas por outro lado, suas significações instituem representações, permitem refletir que aquilo é algo mais, cheio de conceitos instituídos por nós.

Referências

Documentais:

PLANET OF THE APES (O Planeta dos Macacos). Direção de Franklin J. Schaffner. EUA. Produzido por Arthur P. Jacobs; Mort Abrahams ; 20th Century Fox; APJAC productions. 1968. 112 min.

Bibliografia:

ABDALA JUNIOR, Roberto. **O Cinema: outra forma de “ver” a história.** Universidade Federal de Minas Gerais, Revista Iberoamericana de Educación, 2006.

BARROS, José D'Assunção. **Cinema: Forma de Expressão Artística e Fonte Histórica**. Vassouras: Universidade Severino Sombra, 2006.

CHARTIER, Roger. **A Beira da Falésia**. Brasil: Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Gallharo. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1990.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo No Ocidente – 1300-1800, Uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. **Cultura de Pós-Guerra: O aspecto nuclear e sua negação**. Santa Maria: Sociais e Humanas, 2010.

HUERTA FLORIANO, Miguel Ángel. **Los ecos de La Realidad: Miedo y Paranoia en el Cine Fantástico Estadounidense del siglo XXI**. Espanha: Universidad Pontificia de Salamanca, 2009.

LATOUR, Bruno. **Reflexão Sobre o Culto Moderno dos Deuses Fe(i)tiches**. Bauru: Edusc, 2002.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do Medo**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2005.

VAINFAS, Ronaldo. **História das Mentalidades e História Cultural**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.